



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA

NARA SOFIA ALVES GOMES

**A VESTIMENTA COMO COMPROMISSO DE FÉ E RELIGIOSIDADE DOS
DEVOTOS DE CANINDÉ-CE**

FORTALEZA
2025

NARA SOFIA ALVES GOMES

**A VESTIMENTA COMO COMPROMISSO DE FÉ E RELIGIOSIDADE DOS
DEVOTOS DE CANINDÉ-CE**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de graduação em Design-Moda.

Orientadora: Prof. Dra. Francisca Mendes.

FORTALEZA - CE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G615v Gomes, Nara Sofia Alves.
A vestimenta como compromisso de fé e religiosidade dos devotos de Canindé-CE / Nara Sofia Alves
Gomes. – 2025.
50 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e
Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Religiosidade popular. 2. Vestimenta. 3. Simbologia da roupa. I. Título.

CDD 391

NARA SOFIA ALVES GOMES

**A VESTIMENTA COMO COMPROMISSO DE FÉ E RELIGIOSIDADE DOS
DEVOTOS DE CANINDÉ-CE**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de graduação em Design-Moda.

Aprovada em: 14/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Marta Sorélia Félix de Castro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

A minha mãe Erivanete e irmã Paula.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem devo minha gratidão. Algumas estiveram diretamente ao meu lado; outras, mesmo à distância, contribuíram com gestos, silêncios respeitosos, palavras de incentivo e apoio nos momentos certos. Cada presença foi essencial.

À minha mãe, Erivanete, minha base. Esteve comigo durante toda a graduação, apoiando projetos, costurando roupas para trabalhos, oferecendo colo e força sempre. Este trabalho nasceu da nossa vivência em Canindé, cidade onde você nasceu e viveu sua adolescência. E foi com você que, desde pequena, aprendi os ritos, as orações e os caminhos. Talvez não imaginássemos que minha pesquisa fosse, um dia, falar de algo tão íntimo, só nosso.

À minha irmã, Paula, que sempre foi meu olhar mais maduro e sensato, minha conselheira, minha apoiadora. Obrigada por me lembrar, tantas vezes, quem eu sou e quantos caminhos ainda posso trilhar. Mãe e irmã: vocês são parte de quem sou hoje. Levo cada uma de vocês nas minhas orações e no meu coração.

À minha prima Carol, que desde o início vibrou com minha aprovação na universidade, e que tem um olhar sensível para tudo que envolve comunicação e imagem. À minha tia Fátima, que, desde sempre me dizia que o estudo era o único caminho, e que através dele eu realizaria meus sonhos.

Esse diploma, conquistado em uma universidade pública, é também de vocês. Obrigada por sonharem comigo.

Ao meu namorado, Gabriel, que me acompanhou desde o início da graduação. Mesmo não sendo da mesma área, esteve sempre presente, feliz, otimista, me dando colo nos momentos difíceis, até ajudando a pintar croquis. Obrigada por fazer parte desse percurso com tanto carinho.

Aos meus amigos, que me acompanham desde o ensino fundamental e médio, assim como àqueles com quem fui criando laços durante a graduação. Foi bom compartilhar com vocês choros, risadas, distrações necessárias e tanto afeto. Ao “Esquadrão A”, estou aqui, formada e já na torcida pela vez de vocês! À Glória, com seu humor único, que me ensina leveza. À Catarina e à Izabelly, que me acolheram e formaram comigo um vínculo seguro e libertador, foi lindo dividir essa jornada com vocês.

À minha família, especialmente àquela que me ensinou, com os anos, a tradição da ida a Canindé. Este trabalho é, também, uma homenagem a esse legado de fé e memória

que nossas mães nos deixaram. Que saibamos sempre manter vivo esse olhar sensível sobre os rituais e as devoções que nos atravessam.

À minha psicóloga, Vanessa, que me sustentou emocionalmente em tempos difíceis e leves. Com você, consegui manter o foco, o autocuidado e seguir com força até o fim deste ciclo.

À PROCULT UFC, onde aprendi a compreender e vivenciar a cultura de forma mais sensível, crítica e engajada. A experiência da bolsa foi essencial para minha formação humana e profissional.

À professora Francisca Mendes, orientadora, tutora, inspiração: obrigada por embarcar comigo desde o início, por confiar no meu trabalho (às vezes mais do que eu mesma), por ler com generosidade, sugerir com inteligência e acolher com tanta paciência. Você me fez enxergar o potencial e a sensibilidade que esta pesquisa possui. Agradeço, ainda, a todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender.

Aos romeiros e romeiras que confiaram suas histórias a mim, meu mais profundo respeito. Cada fala foi um apoio a este trabalho com verdade e humanidade. A Canindé, meu sincero carinho, não como visitante, mas como alguém que foi tocada por tudo o que viu e sentiu na cidade.

À Universidade Federal do Ceará, por ser esse lugar de potência e resistência no ensino público. Obrigada por transformar vidas, por formar tantas pessoas.

O sentimento de dever cumprido me invade. A conclusão deste trabalho representa o fecho de um ciclo muito importante na minha vida, que nem nos mais belos sonhos achei que teria. Pus à prova capacidades que não imaginei que tinha e, acima de tudo, alcancei os meus objetivos. Sou, hoje, uma mulher mais forte, mais atenta, mais curiosa. Pesquisar me transformou. E é com o coração cheio de gratidão que olho para tudo isso e digo: eu consegui.

“Senhor, fazei de mim um instrumento da
vossa paz.” (São Francisco de Assis).

RESUMO

Este trabalho consiste na análise da vestimenta do santo São Francisco usada pelos devotos da romaria de São Francisco das Chagas, do município de Canindé, no interior do Estado do Ceará. A pesquisa busca compreender como a roupa, especialmente a indumentária franciscana utilizada pelos romeiros, transcende seu caráter funcional e assume um papel simbólico no cumprimento de promessas, na devoção e na construção de pertencimento. Por meio de uma abordagem antropológica, com observações de campo realizadas durante os festejos em 2024, além de entrevistas com devotos, foram coletadas narrativas que revelam a força simbólica do vestir como um ato de fé. Fundamentado nos estudos de autores como Pinto (2004), Macedo (2008), Vale (2017), Costa (2023), Brandão e Santos (2021) o trabalho evidencia que a vestimenta não apenas comunica a devoção individual, mas atua como elo entre o corpo e o sagrado. A indumentária, neste contexto, se configura como um marcador identitário que expressa a espiritualidade popular e revela camadas da cultura religiosa do sertão nordestino brasileiro.

Palavras-chave: religiosidade popular; vestimenta; simbologia da roupa.

ABSTRACT

This work consists of an analysis of the clothing associated with Saint Francis of Assisi, as worn by the devotees of the São Francisco das Chagas pilgrimage in the municipality of Canindé, located in the interior of the state of Ceará, Brazil. The research aims to understand how clothing, particularly the Franciscan habit worn by pilgrims, transcends its functional purpose to take on a symbolic role in the fulfillment of promises, in devotional practices, and in the construction of belonging. Through an ethnographic and anthropological approach, including field observations conducted during the 2024 festivities and interviews with devotees, narratives were collected that reveal the symbolic power of dress as an act of faith. Based on the theoretical contributions of authors such as Pinto (2004), Macedo (2008), Vale (2017), Costa (2023), and Brandão & Santos (2021), the study demonstrates that religious clothing not only communicates individual devotion, but also serves as a link between the body and the sacred. In this context, the habit becomes an identity marker that expresses popular spirituality and reveals layers of the religious culture of Brazil's northeastern backlands.

Keywords: popular religiosity; religious clothing; symbolism of dress.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Painei de São Francisco sendo levado para Capela do Painei.....	35
Figura 2 – Grade de fotos na Casa dos Milagres.....	37
Figura 3 – Momento em que uma romeira cumpre sua promessa cortando os cabelos...	37
Figura 4 – Duas romeiras pagando promessas, contrastando a roupa religiosa com a do cotidiano.....	40
Figura 5 – Procissão da Via Sacra até a Igreja do Cristo Rei.....	42
Figura 6 – Os pés da estátua do santo com ex-votos deixados por romeiros.....	43
Figura 7 – As “pedras milagrosas” na mão de uma devota.....	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	METODOLOGIA	19
2.1	Tipo de pesquisa	19
2.2	Área de abrangência	20
2.3	Categorias de análise	20
2.4	Tratamento de dados	21
2.5	Plano de coleta de dados	21
3	A DINÂMICA DA RELIGIOSIDADE POPULAR NO NORDESTE BRASILEIRO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	23
3.1	Religiosidade	23
3.2	A romaria	26
3.3	A devoção franciscana em Canindé	27
4	VESTIMENTAS E SIMBOLISMOS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E EXPRESSÃO	30
4.1	A simbologia da roupa no contexto religioso	32
5	A SIMBOLOGIA DA VESTIMENTA FRANCISCANA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ROMEIROS DE CANINDÉ	50
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO À PESSOA QUE CUMPRIU A PROMESSA VESTINDO A ROUPA FRANCISCANA	51
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO À QUEM FEZ O PEDIDO E INDICOU OUTRA PESSOA PARA CUMPRIR	52

1 INTRODUÇÃO

Desde o “descobrimento” do Brasil, segundo Macedo (2008), os exploradores europeus, profundamente convencidos de sua missão de levar a fé e o culto católico ocidental, buscaram impor essas práticas às terras que consideravam “virgens” e “incultas”. Entretanto, os padres vindos da metrópole portuguesa tiveram que enfrentar determinadas ações para que conseguissem introduzir a religião da terra natal com os costumes culturais deste novo mundo.

Macedo (2008) afirma que o catolicismo, quando apresentado e unido com etnias e costumes originários tinha uma tendência de se mesclar, criando assim formas de cultuar a religião católica. Com isso, foram construídas ligações e apegos aos santos, que reverberam em costumes analisados por Jurkevics (2004) como os festejos, procissões, os objetos de devoção, pagamento de promessas, lendas e rituais que era motivados para cura de doenças, mortes ou flagelos naturais.

Conforme Costa (2023), vestir é, por norma, cobrir, tapar, proteger, porém, ao longo do tempo a moda desempenhou outras funções além dessas citadas, simbolizando os costumes de uma sociedade. Desse modo, a indumentária é um dos principais meios de expressão individual e coletiva, pois a maneira de vestir de cada indivíduo reflete em comunicações, posições, pensamentos e ações. Todavia, mesmo com essa escolha do que vestir, sempre haverá um meio que motiva a uniformização, “existe sempre uma personalidade, uma cultura, uma ideologia que a deferência do seu meio”, pois nossas escolhas são construídas socialmente, como Costa (2023) afirma.

Logo, a religião e a roupa carregam uma relação muito próxima, pois o vestir transparece expressões religiosas que muitas vezes possuem código de vestuário. Vale (2017) afirma que as vestes religiosas carregam um valor simbólico de prestígio e posição social, o que distingue e simboliza uma relação estreita entre o homem, a religião e seus deuses.

Costa (2023) dá como exemplo a utilização do *hijab*, que é um símbolo de identidade muçulmana, na qual, onde há a demonstração desse objeto pelas mulheres, entende-se que elas estão de acordo com os princípios da religião islâmica. Outro exemplo que se pode identificar é no candomblé. Os tecidos litúrgicos como alá e ojá¹, delimitam geografias sagradas plenas de memórias e identidades, conforme Brandão e Santos (2021).

¹ “O alá é o manto branco fosco sob o qual Oxalufã caminha; e o ojá, peça de tecido usada para sacralizar e proteger corpos. O ojá é a origem dos turbantes que extrapolaram os limites das roças do Candomblé” (Brandão e Santos, 2021, p. 3).

No catolicismo romano, de acordo com Vale (2017) são vários os parâmetros de distinção das vestes. A autora exemplifica as cores utilizadas por cada ministro, “como branco para o Papa, vermelho para os cardeais, violáceo para os bispos e preto para os presbíteros” (Vale, 2017, p. 291), mas dependendo das celebrações vão existir outros objetos simbólicos.

Sabendo que em diversas religiões existem códigos de vestimentas com simbologias e significados para as pessoas inseridas naquele contexto, o presente trabalho busca compreender a relação da fé, mostrando como os romeiros do santo São Francisco das Chagas usam a roupa para cumprirem o rito de promessa, na cidade de Canindé no interior do Ceará.

Assim, trago uma observação empírica com os significados atribuídos à vestimenta pelos romeiros, buscando compreender como a experiência vivida se transforma em expressão de fé e devoção no contexto da romaria em Canindé.

Segundo Pinto (2004), em uma sociedade influenciada pelo empirismo, é importante registrar e interpretar a realidade de forma direta e baseada na experiência. O empirismo valoriza o aprendizado por meio da observação e das sensações, o que reforça a necessidade de entender o mundo a partir do que vivemos e percebemos no dia a dia. Assim sendo, nesta investigação, aproximo-me das elaborações teóricas já estudadas anteriormente de Pinto (2004), que traz o funcionamento da romaria e nele todos os personagens e significados.

Acrescento ainda, autores como Alves, Silva e Mapurunga (2015), sobre o estudo da romaria de Canindé, dando um parâmetro sobre peregrinações, a relação do corpo com a sacralidade e a prática da romaria. Para eles, o lugar sagrado terá uma relação de sacralidade eclesiástica institucional e a devocional popular, dando aos romeiros uma busca e experiência com o divino. Para os mesmos autores, as peregrinações acontecem quando os filhos e filhas de Deus chegam ao lugar divino a pé, de bicicleta, motocicleta, ônibus, e até mesmo de caminhões, todos em busca do encontro com o Santo, da tradição e da fé. Para aprofundar os estudos, recorro à pesquisa de Mota (2008), que aborda o funcionamento da religiosidade e das romarias, sendo esta a representação socioreligiosa no seio da Igreja, de grande alcance popular.

Nos conhecimentos de religiosidade e suas interações, Macedo (2008) apresenta as questões que fizeram a construção do Brasil possuir uma religiosidade sincrética. Coelho (2017) será referenciado com suas indagações a respeito de promessa, na qual ele apresenta a promessa feita aos santos, uma fé supersticiosa, herança cultural enraizada nas tradições populares. Outro enfoque que podemos dar nas teorias de religião popular é os conhecimentos de Jurkevics (2004), no qual ela demonstra também as práticas religiosas no início dos desbravamentos no país, com um foco nas devoções dos santos eleitos pelo povo.

Na vestimenta, foi preciso procurar mais questões que se relacionam à roupa como objeto identificador e expressivo social, nesse caso, encontro os conhecimentos de Costa (2023), que explica o vestuário como caráter simbólico e de fenômeno social, cultural e histórico, podendo refletir nas normas de uma construção social. A autora Vale (2017) será referenciada com suas indagações a respeito do vestuário como patrimônio no estudo das relações do homem com a sociedade, além do poder hierárquico e simbólico exercido através dos trajes nos rituais da igreja.

Com essa perspectiva, Brandão e Santos (2021) mostram uma pesquisa a respeito das simbologias das roupas dentro do candomblé, mas que podem ser entendidas e aplicadas em outras religiões, por tratar a roupa como uma simbologia quando colocada em um contexto social específico, já que sem esse entendimento ela continuará sendo apenas um produto têxtil.

A partir desses entendimentos, procura-se compreender como a vestimenta de São Francisco, usada pelos romeiros e devotos, expressam o sentimento de fé e religiosidade através da vestimenta e no cumprimento da promessa. Como afirma Pinto (2004), esses sinais de expressão pela roupa possibilitam o estabelecimento de uma identidade limitadora de um espaço, neste caso na romaria Canindé, no Ceará.

Neste trabalho, a relação da vestimenta usada para realizar as promessas e os romeiros que a vestem, que ocorre durante os festejos religiosos de Canindé-Ce, traz a história de criação e vivência da minha família no local. Desde criança acompanhava todos os anos os membros familiares para se encontrarem nas celebrações religiosas. Foi em um vilarejo próximo da cidade, que minha mãe e suas irmãs moravam e iniciaram a tradição de ir aos festejos na cidade. E é assim que desde criança observei todo o ciclo de como as tradições do local funcionavam, acompanhando de perto as singularidades de cada personagem ali representado, sejam eles comerciantes, moradores, clero, pesquisadores, fotógrafos, romeiros e curiosos.

Neste sentido, o estudo contribui para um conhecimento sobre os temas gerais de indumentária e religiosidade, com um recorte mais específico da região do Sertão Central cearense, o Santuário de Canindé. Assim, a ampliação dos estudos científicos sobre este assunto pode contribuir como conhecimento para os próximos pesquisadores, tendo mais uma ferramenta de exploração, pesquisa e entendimento da indumentária como componente de construção histórica, cultural e religiosa.

Desta maneira, a cidade de Canindé fica localizada no Centro-Norte do Estado do Ceará, região Nordeste do Brasil, com aproximadamente 74 mil habitantes. Entre os meses de

setembro e outubro, a comunidade vira palco da festa do padroeiro São Francisco das Chagas, conhecida popularmente como romaria de Canindé.

É um evento religioso de grandes dimensões, no qual a cidade cearense recebe todos os anos cerca de 1,5 milhões² de romeiros franciscanos de todo o país, que é um dos principais centros de devoção franciscana nas Américas, considerada como a “alma franciscana do Brasil”.

E é no centro do volume de pessoas que se identificam os devotos franciscanos, trajados de uma túnica marrom amarrada no meio da cintura por uma corda branca, nas extremidades três nós representando a pobreza, castidade e obediência. E nos pés, quando calçados, utilizam chinelos de couro, mas que na maioria das vezes andam descalços, performando um ritual religioso para alcançar a graça do cumprimento de uma promessa.

Desta forma entendemos o simbolismo da vestimenta religiosa, que até então para as pessoas não devotas, não passa de uma roupa, mas para aquela comunidade significa a representação de estar acompanhando os mesmos passos do santo franciscano. De acordo com Pinto (2004) as expressões religiosas, não necessariamente, precisam ter um sentido racional, porém uma reafirmação de um sentido. A autora também afirma que os símbolos podem ser representados por atos, objetos e palavras, carregando significados específicos para quem os utiliza. Essas ações são interpretadas como sociais, realizadas por atores inseridos em contextos que lhes conferem sentido e significado próprios.

As manifestações religiosas praticadas em Canindé configuram-se em rituais construídos naquele ambiente, marcados por elementos simbólicos e tradições que expressam a fé dos devotos. Além do uso de vestimenta específica e da cor marrom, outras práticas como peregrinações, orações, doações, ex-votos, cabelos e fotografias fazem parte das promessas realizadas pelos fiéis. Esses itens, em sua maioria, ao serem cumpridos ou entregues, geralmente são depositados na Casa dos Milagres, um espaço que materializa as manifestações de fé de cada devoto.

Com base em estudos e leituras realizados, surgiram algumas questões para exploração desta pesquisa: quais são os motivos para os devotos se apresentarem como os santos ao fazerem promessas? Por que os romeiros utilizam a vestimenta como símbolo? De que forma eles atribuem uma simbologia à roupa do santo São Francisco das Chagas? A partir de tais

² RIBEIRO, Thiago. *Santuário de Canindé, no Ceará, sedia a maior romaria franciscana das Américas*. Paróquia SANTUÁRIO de São Francisco das Chagas Ceará, 26 set. 2024. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/noticias-acontece/santuario-de-caninde-no-ceara-sedia-a-maior-romaria-franciscana-das-americas/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

questionamentos, busca-se compreender a relação dos devotos de Canindé com a roupa franciscana.

O objetivo geral deste estudo é compreender a relação simbólica que os romeiros de Canindé atribuem à vestimenta religiosa do santo católico São Francisco das Chagas. Para isso, este trabalho buscou entender a romaria a partir da perspectiva das vestimentas, relacionando a roupa com o cumprimento das promessas religiosas, identificando o vínculo entre o traje e a figura do santo. Foram analisadas as motivações que levam os romeiros a utilizarem a roupa como forma de expressar sua fé.

Ao longo dos capítulos, apresentou-se primeiro um panorama histórico e cultural da religiosidade popular no Brasil, seguido pelo estudo da vestimenta como linguagem identitária e expressão do sagrado. Em seguida, abordou-se a simbologia da vestimenta no contexto religioso, até chegar ao capítulo final, dedicado à análise de campo e às narrativas que revelam o cumprimento das promessas pelos romeiros franciscanos em Canindé.

2 METODOLOGIA

De acordo com Minayo (2001, p. 43) a metodologia trata sobre os métodos e técnicas a serem utilizados pelo pesquisador para se fazer um quadro teórico, como também contempla a fase exploratória de campo e procedimentos para análise de dados. E para uma aplicação dos métodos de forma coerente, a autora apresenta de maneira sintética os principais elementos da metodologia, que são: definição de amostragem; coleta de dados; organização e análise de dados. Assim o capítulo metodológico, abrange não apenas a etapa de pesquisa exploratória de campo, mas também tudo o que a antecede e a sucede o estudo.

Devido ao cunho subjetivo do tema sobre a vestimenta dos devotos de São Francisco das Chagas, existe uma necessidade de selecionar formas de investigar. Para Minayo (2001, p. 51) a pesquisa qualitativa, envolve um trabalho de campo que permite a aproximação com o objeto de estudo e a construção de conhecimento a partir da realidade observada no local.

2.1 Tipo de pesquisa

Para o estudo do tema proposto e a solução dos questionamentos levantados na problematização, optou-se pela realização de pesquisas bibliográfica e qualitativa, com trabalho de campo.

A metodologia adotada engloba a pesquisa bibliográfica para o levantamento de bases científicas já existentes, que de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 183) abrange toda a bibliografia já publicada relativa ao tema de estudo, gerando possibilidades de novos olhares sobre a temática e conclusões ainda não pesquisadas. Como também, ganha relevância antes e após uma pesquisa exploratória, abrangendo mais conhecimento para os temas propostos na pesquisa. Assim, as investigações serão realizadas por meios da leitura de teses, artigos, dissertações e livros.

Neste âmbito, o estudo propõe uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de religiosidade, considerando tanto a perspectiva popular quanto os preceitos eruditos da Igreja Católica Apostólica Romana. Reflete também sobre a vestimenta, com foco na indumentária e na roupa religiosa, com finalidade de procurar entender o caráter cultural e histórico que se tem no meio social, que seja além da predefinição comercial. Analisa-se como a simbologia atribuída aos elementos da roupa e religião é compreendida pelos romeiros.

Outro cenário para a realização dessa pesquisa foi o estudo de campo com dados qualitativos, que compreende o encontro do pesquisador com seu objeto de estudo, abrangendo um leque de possibilidades, vivências e experiências do ponto de vista das

peças que podem não ser vistas por questionários numéricos. Pois, de acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa responde às questões sociais, que com a quantificação numérica não consegue representar. O nível da realidade não seria compreendido, ou seja, a pesquisa é trabalhada com um universo de significados, motivações, crenças e valores o que corresponde às relações sociais.

Depois de realizar a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, foi preciso analisar as entrevistas feitas com os romeiros. As respostas foram interpretadas com base nos conceitos estudados anteriormente, para entender melhor como a religiosidade, a vestimenta e seus significados aparecem nas falas dos participantes. Esse cruzamento entre teoria e prática ajudou a compreender o uso da roupa de São Francisco e o que ela representa para quem participa da romaria de Canindé.

2.2 Área de abrangência

Este trabalho se insere na área da moda, mais especificamente no campo dos estudos sobre os sentidos e significados atribuídos às roupas e suas simbologias. A investigação partiu de uma pesquisa de campo com observação participante e entrevistas realizadas em Canindé, no Estado do Ceará, onde é considerado um dos principais centros de devoção franciscana nas Américas.³ Precisamente, os locais escolhidos para a realização da pesquisa em campo, são os de maior fluxo de devotos durante os festejos, são eles: Basílica do Santuário de São Francisco das Chagas, a Casa dos Milagres, Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, a Praça do Romeiros, Via Sacra na Capela do Cristo Rei e na Estátua São Francisco das Chagas.

Define-se a amostragem como “uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo” (Marconi; Lakatos, 2003, p.163). Para o interesse do estudo em campo, foram abordados os devotos vestidos com a mortalha de São Francisco das Chagas. Posteriormente ao período, foi realizada uma pesquisa com pessoas que conheçam ou já realizaram a promessa utilizando as vestimentas simbólicas do santo. Não fazendo discriminação de características como idade, classe social e cor, em qualquer etapa da pesquisa.

2.3 Categorias de análise

As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Conforme Minayo (2001) trabalhar com as categorias significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno

³ RIBEIRO (2024), Thiago. *Santuário de Canindé...*

de um conceito capaz de abranger um todo. Com isso determinado, as categorias analíticas selecionadas para o estudo exposto foram: religiosidade, vestimenta e a simbologia da roupa religiosa.

A religiosidade é abordada em seu aspecto popular, que vai além dos princípios eruditos da Igreja Católica Romana, evidenciando práticas e valores vivenciados no cotidiano dos fiéis. Apoio-me, principalmente, nos estudos de Macedo (2008), que tratam da historicidade das práticas religiosas no Brasil colonial e mostram como a religiosidade brasileira se formou a partir da mistura e diversidade de influências culturais e religiosas das etnias presentes na época, repercutindo um forte sincretismo religioso. Também incorporo, nesta base teórica, as contribuições de Pinto (2004), que discute as representações simbólicas da religiosidade popular, especialmente entre aqueles que seguem tradições de fé e rituais de promessa, e como esse espaço religioso interage diretamente com os devotos do santo.

No que se refere à vestimenta, recorro aos estudos de Costa (2023), que têm como objetivo analisar o papel da moda e seus simbolismos em culturas tradicionais. A partir disso, é possível compreender o vestuário como um marcador social e identitário, que ultrapassa sua função ligada ao consumo e ao capital, assumindo significados relacionados à identidade e às dinâmicas sociais.

No contexto da simbologia da roupa religiosa, foram encontradas poucas abordagens teóricas voltadas especificamente à indumentária da tradição cristã apostólica romana. Por isso, recorro a estudos de Brandão e Santos (2021), que evidenciam a roupa como um meio de expressão de memória e identidade, dentro do Candomblé. A partir disso, busco compreender a simbologia das vestimentas religiosas para as pessoas, com foco especial nos devotos de São Francisco das Chagas, analisando como essas roupas refletem valores espirituais, culturais e identitários.

2.4 Plano de coleta de dados

Para ser feita uma coleta de dados, deve-se definir as técnicas e instrumentos que poderão ser utilizados em campo, como afirma Minayo (2001). Assim, as etapas definidas para a realização da pesquisa foram: Pesquisa bibliográfica específica - que ocorreu desde maio de 2024 e se estendeu até a conclusão deste trabalho, em julho de 2025. Nesse período, foram selecionadas as principais referências acadêmicas e livros que tratam dos temas centrais do estudo, como moda, vestimenta, memória, religiosidade popular, religião e sociedade. Esse levantamento bibliográfico serviu como base teórica para embasar a análise do objeto investigado e orientar as fases subsequentes da pesquisa. Pesquisa em campo - com a

catalogação a nível de nome, cidade e estado que veio, de modo opcional, responder à pergunta “Por que você escolheu cumprir sua promessa usando a roupa de São Francisco?” Após o reconhecimento do entrevistado, foi iniciada a entrevista.

As observações em campo foram realizadas no período de 30 de setembro a 04 de outubro no ano de 2024. Também no mesmo período houve a primeira etapa das entrevistas, o número total de pessoas entrevistadas foram seis, incluindo indivíduos dos estados do Piauí, Maranhão e Pernambuco. Entre os entrevistados, cinco eram devotos de São Francisco das Chagas que utilizavam trajes franciscanos, e um era frade residente em Canindé-CE. Os locais da entrevista foram Casa dos Milagres, Praça do Romeiros e Basílica do Santuário de São Francisco das Chagas.

Foram realizadas entrevistas online com duas participantes: uma que utilizara a vestimenta franciscana e uma que acompanhou a filha no cumprimento de uma promessa. As entrevistas ocorreram nos primeiros seis meses de 2025.

2.5 Tratamento de dados

Após a coleta dos dados, dei início no processo de análise e interpretação. A interpretação é realizada com o objetivo de compreender o objeto de estudo e estabelecer sua relação com a fundamentação teórica da pesquisa. Neste caso, transcrevi os áudios das entrevistas e, em seguida, analisei com base no referencial bibliográfico. Também realizei a seleção das imagens que captei durante o trabalho em campo. Além das entrevistas, as experiências vivenciadas por mim nos locais observados são consideradas na análise, servindo como base para reflexões e questionamentos relacionados ao tema estudado.

3 A DINÂMICA DA RELIGIOSIDADE POPULAR NO NORDESTE BRASILEIRO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

A relação entre religiosidade, vestimenta e simbologia constitui o eixo central deste estudo, que busca compreender como elementos materiais e simbólicos se articulam nas práticas devocionais populares. Para entender essa dinâmica, é necessário recorrer a autores que refletem sobre a religiosidade popular, os rituais de promessa e o simbolismo atribuído às roupas em contextos religiosos. A partir de perspectivas que envolvem tanto a tradição católica quanto os múltiplos cruzamentos culturais presentes na formação da fé brasileira, estabelece-se um diálogo entre os conceitos de fé, tradição, representação e expressão corporal por meio da indumentária.

3.1 Religiosidade

No Brasil, o chamado “descobrimento” ocorreu por meio da invasão dos exploradores portugueses, a fim de levar a fé e o culto católico para as terras consideradas não “habitadas”, como afirma Macedo (2008). Com isso, houve uma expressiva imposição na cultura da coroa portuguesa sobre os habitantes do território brasileiro. Macedo (2008) declara que “novos costumes, valores, hábitos, deveres e obrigações foram se impondo e se estabelecendo na colônia luso-americana”, sendo a conversão ao cristianismo uma das prioridades desse processo.

Entretanto, a religião trazida de Portugal já era marcada com grandes efeitos sincréticos. Práticas como procissões, romarias e um catolicismo voltado às imagens e símbolos visuais, mais do que à doutrina, já eram recorrentes desde o século XV, como destaca Macedo (2008). Tais elementos se estabeleceram no cotidiano dos colonizadores e foram replicados no Brasil, influenciando a formação da religiosidade local.

Na história portuguesa é notório perceber a presença de imagens de santos em todos os lugares, como no interior das casas, no velame das caravelas, na representação das famílias e todos esses cultos iriam se repetir no Novo Mundo (Macedo, 2008). Esse uso intenso de imagens se conecta diretamente à cultura do sagrado material, algo que ainda hoje é observado nas práticas religiosas populares, como o uso de artigos religiosos, a veneração a imagem de santos e a própria indumentária religiosa utilizada em romarias.

Nos estudos realizados por Macedo (2008), observa-se uma divisão de três partes do ensinamento católico no país: o oficial, o do senhor de engenho e o popular. Cada uma desses

componentes prevaleceram de formas diferentes ao culto cristão, assim a prática religiosa no Brasil não foi rígida, o que facilitou para uma pluralidade de crenças distintas.

O primeiro, seria a fé institucionalizada, burocrática e erudita. A segunda, como o autor afirma, aquela praticada dentro da estrutura de poder da casa grande, onde se limitou às capelas e ao controle dos capelães. Já o terceiro, seria a sem formalidades, que para Jurkevics (2004) é a manifestação espontânea, subjetiva e puramente emocional.

Nessa perspectiva, Coelho (2017) entende a religiosidade popular como própria das classes subalternas, religião tradicional e folclórica, religiosidade do homem médio desprovido de formação teológica formal. Dessa maneira é perceptível que atualmente as práticas populares da religião se enraizaram na religiosidade brasileira, como é visto nas romarias, festas juninas e festejos aos outros santos.

Jurkevics (2004) destaca ainda que as manifestações da religiosidade popular, como festas, procissões, ladainhas, figuras dos festeiros, objetos de devoção e pagamento de promessas, estão diretamente ligadas a situações da vida, como doenças, mortes e dificuldades. Porém, essas práticas são vivenciadas de forma atemporal, ou seja, sem uma preocupação com sua origem histórica. Elas existem mais pelo seu valor simbólico, espiritual e funcional na vida dos devotos do que por uma busca em entender suas raízes ou desenvolvimento histórico. Como ele afirma:

[...] Tradições, as lendas e os rituais, destacando as festas, as procissões, as ladainhas, a figura do ‘festeiro’, os objetos de devoção, o pagamento de promessas e os temas que as motivavam, como doenças, mortes ou flagelos naturais, entre outros, mas, sempre de forma a-temporal, sem qualquer preocupação com seu enraizamento histórico. (JURKEVICS, 2004, p. 7).

O processo sincrético no Brasil também foi favorecido pelo distanciamento entre as autoridades religiosas e as realidades locais. Como afirma Macedo (2008), o catolicismo não conseguiu se impor plenamente, “visto que as autoridades eram insuficientes na colônia e distavam-se consideravelmente da metrópole” (Macedo, 2008, p. 5). Silva (2018) reforça essa ideia ao apontar que a ausência de uma presença eclesiástica constante permitiu que o legado religioso europeu fosse incorporado de forma híbrida, misturando práticas eruditas e populares.

A catequização dos indígenas e negros envolveu estratégias distintas, mas sempre com o objetivo de conversão. Para Macedo (2008), a vinda dos cristãos nas aldeias indígenas foi em processo de dinamismo cultural, de reinterpretação e adaptação, pois os sentimentos e

tradições eram cultuados de maneiras muito diferentes. E assim, as representações religiosas eram feitas a partir de associações entre as duas culturas.

Ainda de acordo com Macedo (2008, p. 10), na chegada dos negros africanos, a catequização foi dada de maneira diferente e mais hostil, “surgia assim uma religiosidade latifundiária e patriarcal, sob estrita influência dos senhores de engenho”, a qual os escravizados, que já carregavam as religiões e rituais dos seus locais de origem, agora eram obrigados a cultuar a dos povos portugueses.

As religiões africanas, mesmo sob repressão, continuaram a se manifestar por meio da incorporação de seus símbolos aos cultos católicos, criando um sincretismo com os elementos indígenas e cristãos. Mota (2008) exemplifica esse fenômeno ao analisar a romaria do Bom Jesus da Lapa, onde devotos de religiões afro-brasileiras participam dos rituais católicos sem contradição de fé:

Fiéis de outras religiões vêm a Bom Jesus da Lapa para participar dos mesmos rituais e fazem do espaço católico o seu ambiente sagrado. Essas religiões são geralmente a Umbanda e o Candomblé, que veneram o Bom Jesus da Lapa de forma especial. (MOTA, 2008, p. 41).

Desse modo, o catolicismo no Brasil teve uma dupla face, a que dependia das diretrizes de instituições eclesiásticas e aquela que permeavam a sociedade brasileira, que se desenvolveu entre o povo e reinterpretou os preceitos oficiais. Como afirma Macedo (2008):

Valorizava a resignação e esperança por milagres se mesclou com as crenças africanas, criando-se as expectativas resultantes de que os males físicos e espirituais seriam resolvidos por meio de curas, adivinhações e orientações de um outro mundo espiritual. O bater das palmas, o canto são traços religiosos que se juntaram com a prática de possessões espirituais e dons divinos, como a glossolalia e curas divinas. (MACEDO, 2008, p. 16).

Mota (2008) também pontua que a religiosidade popular é a expressão prática e ativa da fé, pois é nela que os devotos participam de forma direta e particularizada. Portanto, compreender o universo das expressões populares da fé no Brasil, é necessário transitar entre os discursos institucionais e os não clericalizados, pois a formação do último se dá pelo conhecimento do popular. Macedo (2008) afirma que “a vertente católica popular, maleável e plástica reinterpretou e sincretizou os preceitos católicos oficiais”. E no campo do popular que se ressignificam os símbolos, se recriam os rituais e se afirma, de maneira concreta, a experiência da fé no Brasil.

3.2 A romaria

Ao longo da história do cristianismo no Brasil, a devoção aos santos ocupou papel central na vida religiosa das comunidades, é o que demonstra os estudos de Macedo (2008). Desde os primeiros mártires até os cultos mais recentes, os santos passaram a ser reconhecidos como intercessores entre os fiéis e o divino, promovendo não apenas modelos de conduta, mas também esperança em milagres, proteção e cura. Dentro da religiosidade popular, o culto santoral se manteve vivo por meio de práticas que se adaptam às mudanças culturais, sociais e territoriais. É nesse sentido que Jurkevics (2004) afirma:

As múltiplas manifestações religiosas, envolvendo a devoção aos santos constituem-se numa das mais antigas práticas de cristianismo. Da veneração nos primeiros mártires cristãos aos nossos dias, o culto santoral sistematicamente ocupou um lugar de destaque que arraigado em antigas tradições, quer se renovando, se recriando para se adaptar a novos contextos. (JURKEVICS, 2004, p. 13).

Compreender a formação da religiosidade popular brasileira, marcada por processos de sincretismo, ressignificação e adaptação cultural, permite observar as manifestações dessa fé no cotidiano dos fiéis. Entre essas expressões, destaca-se a romaria, prática que reúne elementos simbólicos, espirituais e comunitários em torno da devoção a figuras sagradas.

Sanchis (2006) define romaria como uma manifestação religiosa complexa, de base popular, seguida pela sacralização religiosa. Mota (2008) reforça que a romaria é um fenômeno antigo da Igreja, mas que se adapta com as realidades geográficas e populares nas quais está inserida. No Brasil, essa prática se manifesta por meio de diversos santuários nacionais, regionais e locais, sendo recorrente em todo o território, conclui o autor.

As romarias remontam à Alta Idade Média, quando passaram a preencher o imaginário religioso das populações por meio de experiências que podem ser tanto individuais quanto coletivas, como reforça Sanchis (2006). O autor também aponta que, com o tempo, o clero buscou organizar e institucionalizar esses rituais religiosos, diferenciando-os das práticas consideradas profanas. Mesmo assim, como destaca Mota (2008), a romaria permaneceu como um fenômeno enraizado nas práticas culturais e sociais, promovendo união em torno de objetivos espirituais compartilhados.

Segundo Mota (2008), o clero participa da construção da romaria a partir dos rituais já existentes entre os povos, com maior alcance popular. Ele afirma que essas manifestações envolvem uma “população essa que saem de suas casas para rezar e agradecer a Deus” (Mota, 2008, p. 25). Essa manifestação pode variar de acordo com a forma como as pessoas expressam sua fé, mas, no interior do Ceará, ganham contornos próprios, marcadas por

promessas, demonstrações de agradecimento aos santos e pela partilha de uma fé compreendida no universo simbólico dos romeiros.

Ainda de acordo com Mota (2008), a tentativa de compreender a experiência de uma romaria envolve reconhecer sua função de legitimar valores, normas e comportamentos fundamentais para os romeiros, os moradores das cidades envolvidas e o clero. Essas práticas são repletas de signos, símbolos e ritos que, mesmo com as transformações históricas, buscam preservar sua essência e significado cultural.

No interior das romarias, destaca-se a peregrinação, que mobiliza muitas pessoas de diferentes lugares para cumprir promessas ou pedidos a uma imagem religiosa. Alves, Silva e Mapurunga (2015, p. 351) caracterizam a peregrinação como “quando os devotos se põem a caminhar, a fim de agradecer ou solicitar a um santo de devoção ou a Deus a sua intervenção”. Em Canindé, os agradecimentos giram em torno de São Francisco das Chagas.

As romarias oferecem um repertório de signos, ritos e símbolos, sendo frequentemente marcadas por cantos, rezas, acessórios religiosos e a vestimenta. Mota (2008, p. 14) observa que “as romarias, em sua maioria, são caracterizadas por longas e penosas viagens, quase sempre em grupo, acompanhada de muitos cantos, orações, meditações. Para o romeiro tudo isso é uma forma de expressar sua verdadeira devoção”.

Além desses aspectos, a realização da romaria também está ligada ao cumprimento de promessas. Para Mota (2008, p. 31), esse gesto em “agradecer por algo que já foi realizado ou uma graça alcançada”. Os sinais desse agradecimento são variados: vão desde gestos simples até objetos simbólicos, como fotografias, ex-votos⁴, mechas de cabelo e a vestimenta.

É nesse cenário que se insere a romaria de São Francisco das Chagas, na cidade de Canindé, Ceará. Mais do que uma simples peregrinação religiosa, essa romaria configura-se como espaço simbólico e afetivo, onde se entrelaçam fé, tradição e identidade.

3.3 A devoção franciscana em Canindé

Dentre os diversos destinos de romarias existentes no Brasil, Canindé, localizado no interior do Ceará, destaca-se como um dos centros de devoção popular. A cidade abriga o Santuário de São Francisco das Chagas, que atrai fiéis todos os anos, durante o mês de setembro e outubro, quando ocorrem os festejos em honra ao santo.

⁴ “O ex-voto é outra manifestação visível da fé. É representado na forma de membros humanos (perna, tronco, braço, cabeça), reprodução de órgãos vitais (pulmão, coração, rim), imóveis (casas), móveis (barcos, carros, motocicletas) fotografias de (crianças, idosos, cirurgias, animais), vestuários, cabelos, vestidos de noivas, roupas militares, muletas, cadeira de roda, dentre tantos outros objetos que apresentados como sinal de gratidão. Reproduzidos na forma de madeira, gesso, linho, latão, papel, simbolizam em si a fé e gratidão aos feitos de São Francisco das Chagas.” (ALVES, SILVA E MAPURUNGA; 2015, p. 358).

A devoção a São Francisco, no entanto, não se limita a Canindé. Canonizado em 1228, com dois anos de sua morte, seu culto se espalhou pelo mundo, como observa Willeke (1973). São Francisco de Assis nasceu entre os anos de 1181 e 1182, em Assis, na Itália. Filho de uma família abastada, teve uma infância e juventude cercadas de privilégios, buscando prazeres e reconhecimento social. Segundo a história⁵, após ser feito prisioneiro em batalha, retornou a sua cidade profundamente abalado e passou por um processo de conversão.

Em 1206, decidiu formalmente abdicar dos bens paternos e se dedicar à vida religiosa. Nos anos seguintes, passou a pregar pelos arredores de Assis. Seu amor pela pobreza tornou-se a marca de sua espiritualidade. Para ele, imitar a vida de Cristo significava renunciar a qualquer forma de luxo ou poder, e viver na simplicidade absoluta.

Essa opção pela simplicidade refletiu-se também na forma como São Francisco se vestia, dando origem ao que viria a se tornar a tradicional veste franciscana. Inspirada nas roupas dos mais pobres da Idade Média, a túnica longa, de tecido áspero e corte simples, tinha o formato de cruz e remetia às vestes usadas por camponeses, mendicantes e trabalhadores da terra⁶. As cores predominantes marrom ou acinzentado eram resultado da mistura de fios de lã branca e negra ou castanha, sem tingimento, de baixa qualidade e vendida a preço acessível. Na época, esse tipo de tecido era comum entre os que viviam em condições humildes, e sua simplicidade expressiva tornou-se uma marca do hábito franciscano.

O formato longo e sem ornamentos carregava um simbolismo de humildade e igualdade. Ao adotar a mesma peça para todos os membros da ordem, Francisco eliminava hierarquias visuais, colocando todos no mesmo patamar espiritual. Como filho de um rico comerciante de Assis, a escolha desse tecido não foi casual: renunciando à opulência e ao conforto das roupas finas e coloridas de sua juventude, ele assumia a túnica simples dos que viviam na pobreza, como um gesto de desapego e entrega.

O cordão de lã branca, amarrado à cintura com três nós, simboliza os votos de castidade, obediência e pobreza. Inicialmente, o cordão tinha apenas função prática, encurtado para que não tocasse o chão. Com o tempo, consolidou-se a tradição dos três nós, reforçando a lembrança constante dos compromissos da vida religiosa. As sandálias de couro, ou mesmo os pés descalços, completam a indumentária, reforçando a vida itinerante e despojada.

⁵ REDAÇÃO MINHA BIBLIOTECA CATÓLICA. *A vida de São Francisco de Assis*. Minha Biblioteca Católica, Dois Irmãos – RS, 04 out. 2024. Disponível em: <https://bibliotecacatolica.com.br/blog/devocao/a-vida-de-sao-francisco-de-assis/>. Acesso em: 09 de jun. 2025.

⁶ MAZZUCO, Frei Vitório. *O Hábito Franciscano*. Conferência da Família Franciscana do Brasil. <https://cffb.org.br/o-habito-franciscano/>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

A cor marrom, associada à terra, evoca a ligação com a criação e o compromisso com uma vida simples, como pregava o santo. Fraser e Banks (2007) destacam que o marrom transmite sensações de seriedade, naturalidade, confiabilidade e ausência de sofisticação, características que se alinham ao ideal franciscano. Assim, a veste franciscana não é apenas um traje religioso, mas um símbolo carregado de significado espiritual e comunitário.

Dessa forma, a partir de 1209, sua pregação começou a atrair homens que, inspirados pelo seu exemplo de vida, se uniram para seguir os mesmos ideais. Surgia então a Ordem dos Frades Menores, conhecidos popularmente como franciscanos. Com o passar dos séculos, a espiritualidade franciscana se espalhou por diversos territórios. No Brasil, foi amplamente difundida pelos capuchinhos⁷, e Canindé tornou-se um desses espaços de referência. Segundo Silva (2007, p. 20), “os serviços religiosos do futuro santuário surgem sob a égide franciscana, ordem religiosa fortemente presente desde a colonização no Brasil, tanto por seus frades, quanto por seus terciários”.

Sobre a construção da primeira capela em Canindé, há divergências entre os estudiosos e escassez de fontes oficiais. Silva (2007) destaca diferentes versões:

O autor Álvaro Martins defende que se tenha iniciado em 1775, no entanto não por Xavier de Medeiros, mas pelo primeiro donatário das terras do Canindé, tendo sido suspensos os trabalhos em 1776 devido à grande seca que assolou a região. O pesquisador Fr. Venâncio Willeke, que concordava com esta versão quanto à data, numa segunda obra conclui que Xavier de Medeiros teria projetado a segunda capela só depois em 1787 no mesmo local da primeira, terminando quase dez anos após, em 1796. Já Antônio Cunha Marreiro, nascido em 1785, informou ao relatório da Comissão Científica em 1861 que Xavier de Medeiros principiou a igreja em 1789. Joaquim dos Santos Lessa por sua vez, em suas memórias, terminadas em 1906, afirma que a Igreja fora começada por Medeiros tardiamente em 1792. (SILVA, 2007, p. 20 e 21).

Apesar das divergências históricas, a tradição local atribui a construção da capela a Francisco Xavier de Medeiros, sargento-mor português e membro da Ordem Terceira de São Francisco. As diferentes versões sobre a origem da capela são interpretadas como manifestações do imaginário religioso local, funcionando como um sinal de milagre e fortalecendo o vínculo simbólico entre Canindé e São Francisco das Chagas.

Atualmente, Canindé é palco de romarias e práticas devocionais. As peregrinações a pé são frequentes e mobilizam grupos de até 300 pessoas, totalizando cerca de seis mil fiéis

⁷ Capuchinhos é a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM.Cap), frades caracterizados de hábito marrom e de capuz pontudo. Eles possuem o objetivo de observar rigorosamente a “Regra e Vida dos Frades Menores, escrita por São Francisco de Assis, e praticar a Pobreza radical. Dados retirados da Conferência dos Capuchinos do Brasil. *História da Ordem*. Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/institucional/historia>. Acesso em: 03 jul. 2025.

por ano.⁸ Segundo Silva (2018, p. 15), trata-se de uma festa onde o simbólico e o ritual se conjugam: “a imagem de São Francisco das Chagas, em si, carrega suas simbologias; ela é um símbolo sagrado e, ao mesmo tempo, a representação do sagrado naquele espaço”.

A sacralidade construída em Canindé é resultado da presença ativa dos devotos, que, ao longo do tempo, projetaram no santuário suas histórias, pedidos e vivências espirituais. Como afirma Silva (2007, p. 41): “A construção dessa sacralidade em Canindé se fez, principalmente, pelos devotos, que ao longo do tempo vêm buscando e vivenciando o santuário, e projetando eles mesmos as histórias que querem difundir sobre o santuário em suas vidas, seus anseios”.

Compreender a trajetória, os aspectos religiosos e os significados atribuídos a São Francisco das Chagas contribui para entender sua posição na religiosidade praticada no Brasil. Sua imagem, marcada pela simplicidade, humildade e conexão com o sagrado, tornou-se símbolo de identificação para fiéis, no contexto das romarias.

A romaria em Canindé reúne características que traduzem de forma a religiosidade popular brasileira: o cumprimento de promessas, a peregrinação a pé, o uso de vestimentas simbólicas, os rituais coletivos e o vínculo emocional entre os romeiros e a figura do santo. A batina marrom, o cordão, e outros elementos compõem não apenas um traje religioso, mas um símbolo de promessa, entrega e fé, marcadores identitário e espiritual para os devotos de São Francisco das Chagas.

⁸ Informações tiradas do site Paróquia Santuário de São Francisco das Chagas. *História*. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/caninde/historia/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

4 VESTIMENTAS E SIMBOLISMOS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E EXPRESSÃO

A vestimenta, desde os registros primitivos da humanidade, desempenha um papel na organização da vida em sociedade. Inicialmente associada à proteção e à sobrevivência, ela rapidamente assumiu funções simbólicas, como observa Costa (2023), ao destacar que não é possível delimitar com precisão o momento em que a roupa passou a carregar significados sociais e culturais. Vale (2017, p. 278) reforça essa ideia ao afirmar que “se no início o principal objetivo do traje era proteger o corpo, hoje são inúmeros os motivos que movem o homem a vestir-se”.

Ainda segundo Vale (2016), a roupa está presente em todas as fases da existência, cumprindo funções que vão além do utilitário. Ela participa da construção de imagens sociais e representa elementos como status, poder, pertencimento e identidade. A autora sintetiza essa importância ao afirmar: “Existem muitas outras dimensões da vida social que são também bastante importantes, porém, nenhuma delas talvez seja tão necessária quanto os alimentos, tão desejada quanto a habitação e nenhuma outra seja tão significativa quanto o vestuário” (Vale, 2016, p. 13). A história do vestuário, nesse sentido, acompanha a trajetória das civilizações e pode ser interpretada como ferramenta de identificação cultural. Como lembra a autora, o vestuário marca momentos históricos, revela contextos específicos e registra modos de vida.

Com o avanço das relações sociais, a vestimenta passou a representar não apenas uma necessidade funcional, mas também um meio de expressar a identidade individual e coletiva. Para Costa (2023), a moda transmite para sociedade um conjunto de ideias e significados, que a priori pode ser considerada como fenômeno comercial, com o ideal de frivolidade e que acompanha os avanços das tendências. Como também podemos concluir com a autora, a respeito que o modo de se vestir expressam as ideologias, culturas, posições políticas e crenças das pessoas.

Nesse sentido, a moda ultrapassa o entendimento restrito ao consumo ou às tendências passageiras, assumindo um papel que dialoga diretamente com a cultura e a identidade coletiva. É nesse contexto que Costa (2023) afirma que a moda surge como um objeto de estudo capaz de representar as culturas de um determinado grupo social, destacando que “a moda pode ser também uma representação da herança cultural de um indivíduo. Uma peça de vestuário pode ser um símbolo da história de um povo, refletindo os seus valores e os seus costumes, transformando-se num legado que se edifica para a posterioridade” (Costa, 2023, p. 7). Assim, o ato de se vestir adquire múltiplas funções: desde a proteção do corpo até a

sinalização de pertencimento a um grupo, classe social, religião ou região, o que permite a construção de identidades culturais.

A construção de pertencimentos nos grupos sociais são afirmados a partir como se expressa no modo de vestir, criando uma relação simbólica da comunicação não verbal, conforme Vale (2017). Isso implica diretamente na forma de como cada indivíduo se veste, demonstrando sua maneira de pensar, estar e agir, como lembra Costa (2023). Nesse sentido, o vestuário assume um papel dinâmico na relação entre o individual e o social, atuando como elo entre a identidade pessoal e a construção de laços comunitários.

Entre os diversos usos sociais da vestimenta, destaca-se sua função no contexto religioso. Para Costa (2023), em muitas culturas, o uso de roupas específicas está atrelado à prática da fé e à vivência espiritual. Embora nem todas as religiões estabeleçam um código obrigatório de vestimenta, é comum que certas peças estejam associadas ao pertencimento a determinada crença ou à demonstração pública de devoção.

A autora exemplifica com o *hijab*⁹, no Islã; o *kipá*¹⁰, no Judaísmo; mas acrescento o hábito religioso¹¹, no Catolicismo; e o ojá, no Candomblé. Em cada um desses casos, a roupa representa mais do que uma vestimenta: ela se torna uma expressão não falada da religião que a pessoa se identifica. “Vários ramos religiosos têm uma peça de vestuário que os caracteriza ou que a eles está associada” (Costa, 2023, p. 7).

A vestimenta religiosa, portanto, une dimensões coletivas e individuais. Embora existam trajes prescritos pela tradição, cada fiel atribui significados próprios às roupas que utiliza em contextos religiosos. Como sintetiza Costa (2023, p. 8), “a moda tem a capacidade de atribuir significados ao vestuário, mas cada indivíduo é que acaba por atribuir o seu significado real”.

No universo religioso, essa dimensão simbólica da vestimenta ganha força. Cidreira (2015, p. 22) ressalta que “a roupa, compreendida na sua dimensão simbólica, é um elemento importante na constituição cultural; reforça mitos e signos, reestrutura valores e tradições”. Seus estudos sobre as vestes da Irmandade da Boa Morte evidenciam como as roupas, adornos e danças “revelam formas peculiares de culto e de significação das vestes no processo de adoração ao sagrado” (Cidreira, 2015, p. 22). Para além do ato estético, são expressões que

⁹ O *hijab* é vestimenta usada por algumas mulheres muçulmanas para cobrir os cabelos. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Hijab*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/hijab>. Acesso em: 03 jul. 2025.

¹⁰ Kipá, significa cobertura para a cabeça, tipicamente um gorro justo e sem aba, feito de tecido, usado principalmente por homens no judaísmo. Usado para demonstrar reverência a Deus, incutir um senso de humildade e como um lembrete de que existe um poder superior. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/kippah>. Acesso em: 03 jul. 2025.

¹¹ “O hábito é a veste prescrita pela regra e constituições das ordens, congregações e institutos religiosos.” (VALE, 2016, p. 20)

“conservam memórias e ressignificam costumes e valores sociais e religiosos” (Cidreira, 2015, p. 27).

No caso das romarias franciscanas em Canindé, percebe-se o uso da batina marrom pelos romeiros. A escolha por vestir a túnica franciscana, o cordão e andar descalço em sinal de promessa é uma forma de materializar o compromisso espiritual assumido com o santo. Muitos devotos associam a roupa ao cumprimento de graças alcançadas, à proteção divina ou à manifestação pública de sua devoção. Assim como nas tradições religiosas citadas por Costa (2023), a roupa dos romeiros atua como código visual, que comunica pertencimento a um universo espiritual.

Pinto (2004), aponta o vestuário religioso funciona como marcador identitário, possibilitando reconhecer na multidão quem é o pagador de promessa, quem ali manifesta publicamente sua fé. Assim, é compreensível a utilização das roupas religiosas que provoquem expressões de padrões e símbolos característicos de um contexto social. É preciso considerar também os significados que essas roupas adquirem para os sujeitos que as utilizam.

4.2 Simbologia da roupa no contexto religioso

Como visto no item anterior, a vestimenta ocupa um espaço histórico e identitário dentro de uma comunidade, criando simbologia e diferenciação no ato de vestir. Neste trabalho, pretendo encontrar as simbologias da vestimenta para captar como elas são interpretadas dentro da religiosidade popular católica, mas também reconhecendo, neste trabalho, os significados atribuídos às roupas religiosas se estendem a outras crenças.

Neste aspecto, Brandão e Santos (2021) mencionam as “roupas de ração”, autoprodução de roupas durante os afazeres religiosos cotidianos, que têm como intuito transmitir às novas gerações do Candomblé os significados de cada pedaço de pano que sobrepõe os corpos, para que consigam entender a partir da indumentária as marcas ancestrais das gerações antecessoras.

Um pedaço de pano jamais será apenas um pedaço de pano se identificado e usado, por exemplo, como alá, pois que se trata do manto branco fosco sob o qual Oxalufã caminha; ou como ojá, peça de tecido usada para sacralizar e proteger copos. (BRANDÃO; SANTOS, 2021, p. 03).

A vestimenta, portanto, atua como extensão do corpo e da espiritualidade. Não se trata de estética ou moda passageira, mas de identidade, memória e ligação com o sagrado. Para os praticantes, vestir-se é também reviver ensinamentos e honrar seus ancestrais.

Do mesmo modo, Vale (2017) apresenta em sua pesquisa, que “as religiões utilizam o vestuário para identificarem a fé que professam e o grau eclesiástico de seus representantes”. Essa diferenciação é visível nas roupas litúrgicas dos ministros ordenados (diáconos, presbíteros, bispos, cardeais e papas) e nas vestimentas de uso comum, que mesmo assim carregam distinções por cores, detalhes ou símbolos:

O formato das peças, as cores, as guarnições utilizadas e os símbolos cristãos impregnados nas vestes através dos bordados, pinturas e aplicações, juntos fazem com que essas peças colaborem na ação litúrgica. (VALE, 2017, p. 292)

Essa simbologia se estende aos fiéis. Como exemplifica Viana (2008, p. 68) o momento do sacramento do batismo, onde na pia batismal o novo cristão espera-se que esteja vestido de branco, a cor associada a pureza e renovação espiritual para a pessoa que irá receber. Não apenas no batismo, mas em outros sacramentos: a primeira comunhão, a crisma, o casamento, a extrema-unção, todos carregam, de alguma forma, trajes específicos de acordo com o momento.

Além disso, todo o calendário litúrgico da religião católica é marcado por cores, a fim de guiar os fiéis visualmente no tempo e no significado das celebrações e no papel de quem as utiliza. Como destaca Viana (2024, p. 280), essas cores e vestes “comunicam de forma silenciosa, quem é o indivíduo que o está vestindo, ou melhor dizendo, o que ele representa”.

Vale (2017, p. 291) apresenta “as cores: branco para o Papa, vermelho para os cardeais, violáceo para os bispos e preto para os presbíteros, como foi visto, também contribuem para a distinção de cada ministro”. Reforçam a hierarquia eclesiástica e a função ritual de cada vestimenta. Essa lógica se estende também para o cotidiano religioso contemporâneo, como observa Costa (2023):

Muitas vezes a moda também é adaptada às religiões e às culturas através da incorporação de vários símbolos, o que observamos facilmente na joalheria (em colares com pendentes em formato de cruz, terços) e em roupas com apropriação de imagens ou frases religiosas. (COSTA, 2023, p. 14)

Dessa forma, entende-se que na religião católica romana todos os momentos pedem trajes específicos, diferenciando de acordo com o grau eclesiástico ou ocasião, mas que em ambos é notório uma simbologia da veste.

Com estes conhecimentos, conseguimos entender que a roupa não é apenas um material têxtil, mas, quando colocado sobre um corpo, adquire um novo significado. Ela deixa de ser apenas um objeto e se torna símbolo, criando identidade e expressando pertencimento,

como nas festas e procissões populares, como as dedicadas a santos católicos, é perceptível a lógica do significado do corpo através da vestimenta.

Pinto (2004) afirma, em sua pesquisa sobre a romaria de Nossa Senhora da Saúde, que as mulheres vestidas com mantos brancos e carregando os rosários nas mãos transmitiam um sentimento de pertencimento à identidade. Dessa forma, elas eram reconhecidas facilmente como devotas da santa, através dos adornos e roupas identificavam-se suas expressões religiosas.

Essa dimensão da roupa, como símbolo de devoção pode ser expressa também nas romarias. Como um devoto pode ser visto cumprindo sua promessa diante das pessoas que o ver, identificando-o como parte do coletivo da romaria.

Por este motivo, trago novamente Vale (2017), que destaca o valor simbólico das vestimentas religiosas, reforçando que esses objetos não apenas diferenciam, mas também distinguem aqueles que estão inseridos em práticas de fé.

Brandão e Santos (2021) ressaltam que a vestimenta religiosa não tem a intenção de se incorporar com a moda momentânea. Ao contrário, os adornos e trajes utilizados carregam significados: são formas de devoção, entrega e reverência ao sagrado. Trata-se de um vestir que liga o corpo à fé e a vivência espiritual ao pertencimento social.

Compreendendo que a roupa religiosa ultrapassa o objeto material e assume uma função simbólica nas diferentes tradições, é possível olhar para a indumentária dos romeiros de São Francisco das Chagas, em Canindé, como expressão dessa mesma lógica. A túnica marrom franciscana, o cordão branco envolto da cintura e os pés calçados com uma sandália de couro, não são apenas elementos visuais: são marcas de uma promessa, sendo feita e cumprida, de uma experiência de fé vivida.

5 A SIMBOLOGIA DA VESTIMENTA FRANCISCANA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA

Para a realização desta pesquisa, foi realizada uma viagem de campo à cidade de Canindé, no interior do Ceará, entre os dias 30 de setembro e 4 de outubro de 2024. A realização da pesquisa em campo foi feita durante os festejos do santo, pois é a fase mais intensa da chegada dos romeiros à cidade. Com isso a localidade acaba tendo um maior número de visitantes e devotos. No referido ano, as celebrações ocorreram entre 24 de setembro e 4 de outubro.

Durante essa etapa de campo, foram conduzidas cinco entrevistas com devotas, que são identificadas ao longo do trabalho pelo termo “romeira” seguido de um número, de modo a preservar o anonimato das participantes.

Canindé está situada a aproximadamente 118 km da capital, Fortaleza, distância percorrida em aproximadamente duas horas e meia de ônibus. Ao chegar ao município, por volta do horário do almoço do dia 30 de setembro, já era possível observar uma movimentação intensa: romeiros de diferentes partes do país chegavam por ônibus, carros particulares e motocicletas. Essa grande afluência se devia à realização da sexta noite do novenário em honra ao santo, que teria início naquela noite.

O objetivo da visita era experienciar as práticas culturais e religiosas que compõem a romaria de Canindé, com atenção à dimensão simbólica da vestimenta dos devotos. Como reforça Pinto (2004), a festa religiosa representa o ápice da experiência coletiva, funcionando como espaço de reafirmação de pertencimento e devoção.

Nesse sentido, o trabalho de campo buscou não apenas colher dados, mas também permitiu vivenciar os sentidos e significados atribuídos ao uso da indumentária religiosa durante os festejos.

Durante a noite, a Praça dos Romeiros se torna o principal ponto de encontro dos fiéis. É ali que ocorrem as novenas, sempre iniciadas às 18h, com a presença de pregadores convidados, cujas reflexões são geralmente ligadas à Campanha da Fraternidade do ano vigente. O início do novenário se dá com a chegada do painel de São Francisco das Chagas. Ele que pesa cerca de 500 kg, é conduzido por devotos que se revezam durante a procissão, que parte da Capela do Painei até a praça, um percurso de aproximadamente dois quilômetros.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Atualmente, esse trajeto segue um percurso fixo, diferentemente dos anos anteriores, quando a rota variava a cada noite. A organização da procissão é realizada pelo grupo oficializado localmente, conhecido como “Amigos do Paineiro de São Francisco”, que atua para garantir a segurança do deslocamento e permitir que o maior número possível de romeiros participe da condução da imagem. Como observa Mota (2008), as celebrações das missas e da solene procissão que leva a imagem milagrosa pelas ruas da cidade presenteia os fiéis com vivência religiosa e inexplicável de encontro com o Senhor e seu intermediador.

Essa mesma dimensão simbólica é apontada na fala de Frei Alivânio, frade capuchinho de Canindé. Ele destaca como os romeiros se identificam com a vida de São Francisco e como essa identificação se expressa, inclusive, no desejo de vestir-se como ele:

Então as pessoas, principalmente os romeiros, eles de certa maneira se identificam com a vida de São Francisco pelos milagres mas principalmente por recorrerem com a esta cidade. E eles vem na pessoa de São Francisco, vem realmente um grande intercessor diante de Jesus por eles, pelos seus sofrimentos, pelas suas dores, pelas suas angústias. (FREI ALIVÂNIO, 30 de set. de 2024).

Essa vivência da fé, conforme apontada por Pinto (2004), proporciona, por alguns instantes, que os romeiros consigam viver intensamente aquela emoção transformadora, como se ao romperem com suas vidas cotidianas, sentissem amparados nesse “outro mundo”, inclusive por meio da vestimenta:

E ao olharem a roupa de São Francisco, então eles se sentem também atraídos por este santo. Então querem se assemelhar a ele em tudo, também no modo de vestir. Por isso que quando vem a Canindé pagar suas promessas, eles trajam a roupa, digamos assim, que chama roupa franciscana, outros chamam de amortalha. (FREI ALIVÂNIO, 30 de set. de 2024).

A explicação do frei dialoga diretamente com os estudos de Costa (2023), que descreve a roupa como um fenômeno sociocultural que reflete normas, crenças e valores de uma comunidade.

No dia seguinte à chegada, o trabalho de campo se concentrou no Complexo da Basílica de São Francisco das Chagas, localizado na região central de Canindé. O espaço reúne diferentes ambientes religiosos e comerciais, como a Capela do Painei, a Casa dos Milagres, os Confessionários, a Livraria São Francisco, a Loja O Santuário, a Casa das Velas, da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, da Secretaria da Paróquia, além da própria Basílica. Pela localidade estar no centro, apresenta uma confluência de elementos que combinam fé, comércio e interações sociais. O movimento constante de pessoas, nesse espaço, algumas em oração, outras circulando entre os pontos comerciais ou participando de rituais, produz uma ambiência religiosa e comunitária.

É nesse cenário que a fé se materializa em formas diversas, inclusive por meio da indumentária. Como analisa Costa (2023), a vestimenta assume um papel simbólico nos rituais religiosos, servindo como forma de comunicação não verbal e como expressão da identidade devocional. Em Canindé, isso se evidencia na Casa dos Milagres, espaço dedicado à deposição de ex-votos, objetos que representam agradecimentos por graças alcançadas.

Como explica Pinto (2004), a visita ao local de onde se depositam os ex-votos, é como prova de reconhecimento pela graça alcançada. Esses objetos, que variam entre fotografias, miniaturas de partes do corpo humano, roupas infantis e batinas franciscanas, todos acumulados de forma aparentemente caótica, mas carregados de sentido. Ali, observa-se como a religiosidade popular constrói uma estética própria, baseada na materialização do agradecimento.

Figura 2 – Grade de fotos na Casa dos Milagres



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

A Casa dos Milagres também recebe oferendas em forma de cabelos, doados por pessoas que atribuíram a São Francisco a graça alcançada. Para isso, uma pessoa da organização permanece no local com uma tesoura em mãos, aguardando a aproximação de mulheres dispostas a cumprir suas promessas. Ao lado, há um móvel de madeira fechado com a inscrição “Deposite seus cabelos aqui”. Muitasromeiras realizam esse gesto acompanhadas por familiares, que funcionam como testemunhas do cumprimento da fé. Mais do que uma simples entrega física, esse ato representa uma forma de renúncia, expressando assim como a vestimenta, uma identidade devocional.

Figura 3 – Momento em que uma romeira cumpre sua promessa cortando os cabelos.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Ao lado, encontra-se a área destinada à deposição das túnicas marrons utilizadas pelos romeiros. A entrega dessa vestimenta ocorre somente após o cumprimento integral da promessa. Ao presenciar esse momento, foi possível entrevistar a romeira 1, que contou estar ali pela primeira vez com aquela promessa específica, mas já havia realizado outras anteriormente: “Essa é a primeira, mas eu já cumpri outra promessa que deu certo graças a Deus” (Romeira 1, 01 de out. de 2024).

O momento de entrega da vestimenta, depois que se cumpriu a promessa, é caracterizado como um símbolo de gratidão aos milagres do santo. Perguntada sobre o significado de entregar a roupa, a mesma romeira respondeu: “É um símbolo de gratidão e realização de sonhos e coisas boas” (Romeira 1, 01 de out. de 2024).

A fala da romeira ilustra, o que Vale (2017) e Costa (2023) descrevem como o papel da roupa na construção de vínculos emocionais e espirituais. A vestimenta ultrapassa sua função

utilitária e passa a representar um elo entre o devoto e o sagrado, uma linguagem visual de pertencimento, sacralidade e fé. As entrevistas realizadas com os devotos, durante a romaria em Canindé, revelaram um vínculo entre a vestimenta de São Francisco e as dimensões de fé, gratidão e identidade cultural.

Além da Casa dos Milagres, a presença da túnica marrom foi observada em todo o território do santuário e durante os outros cinco dias restantes de festejos. Outro ambiente que foram realizadas as entrevistas foi no interior da Basílica de São Francisco, com pessoas que estavam utilizando a batina, que durante todo dia, acolhe as súplicas e as penitências dos romeiros. O local é repleto de romeiros, que ficam em oração, em silêncio, ou realizando gestos de fé, como caminhar de joelhos até o altar. Muitos estavam descalços, com a batina marrom, reforçando visualmente seu envolvimento com a promessa feita.

Nesse contexto, o contraste entre essas vestes e os trajes cotidianos realça o papel simbólico da roupa, que marca a transição entre o comum e o sagrado, reforçando a ideia de que o ato de se vestir para o religioso vai além do funcional, assumindo um papel simbólico como enfatizam Brandão e Santos (2021).

As observações, revelam que com o uso da vestimenta marrom, naquele contexto, está ligado ao pagamento de alguma promessa. A roupa, nesse caso, demarca a identidade daquela romaria. Nesse sentido, aproxima-se à visão de Pinto (2004), que interpreta a roupa como um marcador identitário e social, carregando significados específicos no contexto das promessas e devoções populares.

Figura 4 – Duas romeiras pagando promessas, contrastando a roupa religiosa com a do cotidiano.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Em alguns casos, a vestimenta também é um elemento de tradição familiar. A romeira

3, por exemplo, relatou sua participação na Romaria Sagrada Família, grupo que há mais de três décadas realiza a viagem de Imperatriz (MA) a Canindé:

Bom, aqui é uma promessa que nós já temos há 35 anos. É, 35 anos de promessa, a Romaria Sagrada Família, vem de Imperatriz Maranhão. Estou com 55 romeiros, né? E isso já vem dos nossos bisavôs. Aí vem os nossos avôs, vem os nossos pais, e agora eu, como neta, bisneta, já estou fazendo esse trabalho. (ROMEIRA 3, 01 de out. de 2024).

Essa transmissão geracional da devoção reforça o que Brandão e Santos (2021) apontam ao tratar da roupa como portadora de significados de memória e sacralização, que se perpetuam junto às novas gerações. A roupa franciscana, nesse caso, não é apenas um símbolo de fé individual, mas uma expressão de um legado partilhado entre diferentes tempos e pessoas. Ao vestir a batina, a romeira assume publicamente seu lugar nessa história, reafirmando sua pertença a uma linhagem de fé.

Nesse sentido, as roupas podem representar marcas que, para Cidreira (2015, p. 27), “são marcas evidentes, e constitutivas, de um estado, de uma condição e de uma conduta que, apresentadas ao outro, expressam uma individualidade, uma singularidade, uma presença”.

No caso das romarias franciscanas em Canindé, essa lógica se evidencia. A mortalha marrom, o cordão na cintura e os pés descalços tornam-se “simbologias partilhadas, que reforçam tradições e se aclimatam ao tempo presente” (Cidreira, 2015, p. 28), transcendendo o mero vestuário.

Trata-se, portanto, de um ato carregado de memória, que atualiza histórias familiares e comunitárias, reafirma a fé e constrói sentidos de identidade. A roupa, nesse contexto, não apenas recobre o corpo, ela o inscreve num circuito simbólico que liga passado e presente, individualidade e coletividade, a experiência humana e o divino.

Além de relatar a tradição familiar na romaria, a romeira 3 também refletiu sobre o significado da batina que trajava. Sua fala revela uma religiosidade marcada pela devoção a São Francisco, não como figura central da fé, mas como intermediador entre os fiéis e Deus, o que é típico das expressões da religiosidade popular:

Simboliza o momento de fé, o momento de acreditar, o momento de crer. Porque nós sabemos que São Francisco, ele tem poder até Deus, mas ele é muito amigo de Deus. E ele sempre leva os nossos pedidos até ele, né? Nosso Deus maior, porque nós sabemos que Jesus é maior. Tudo que nós fazemos não é pedindo só São Francisco Sim, pedindo que Deus tenha misericórdia de nós através de São Francisco. (ROMEIRA 3, 01 de out. de 2024).

A partir desse depoimento, é possível perceber que a vestimenta franciscana, para

romeira, deixa de ser um objeto físico e assume o papel de canal simbólico de intercessão da fé e conexão espiritual.

A fala revela que o uso da roupa está profundamente ligado à crença no poder intercessor de São Francisco, que é visto como um mediador entre os fiéis e Deus. Além disso, a romeira demonstra uma compreensão muito presente na religiosidade popular: a fé não está diretamente centrada na figura do santo como um fim, mas nele como um intermediário que leva os pedidos a Deus. Isso reflete uma religiosidade que articula a devoção aos santos, muito comum nas práticas populares.

Isso se alinha ao que Vale (2017) destaca sobre o papel visual e emocional do vestuário religioso, funcionando como ponte entre o devoto e a divindade. Além disso, tal perspectiva reforça o que Brandão e Santos (2021) identificam como a função não estética, mas espiritual e ancestral da indumentária religiosa, incorporada ao corpo como forma de devoção e afirmação identitária.

Ainda dentro da Basílica, observei uma movimentação próxima a uma pedra de mármore, onde os romeiros formavam fila para observar uma pequena abertura circular. O que estaria por trás daquele orifício gerava diferentes interpretações: alguns diziam enxergar o rosto de Jesus, outros a imagem de São Francisco e alguns, nada. Independentemente da confirmação visual, o elemento mais marcante era a crença compartilhada: apenas quem tem muita fé é capaz de ver. Esse trecho da experiência revela a potência do sagrado não apenas no visível, mas no acreditado, e como os rituais ganham corpo a partir da fé vivida.

Foi nesse momento que entrevistei a romeira 4, vinda de Parnaíba (PI), que me relatou a razão de sua promessa e o uso contínuo da vestimenta marrom franciscana:

Eu dei nodular na tireoide e foi feito pulsão e o exame era canceroso. Aí foi tirado minha tireoide inteira. Com três nódulos, eu pego oito pontos na minha garganta. Aí eu me peguei com Nossa Senhora e São Francisco. Se eu fizesse, saísse, se ficasse boa, eu via no marrom a vida toda, enquanto pudesse, a Canindé. Com essa roupa, e até essa bolsa eu venho. (ROMEIRA 4, 01 de out. de 2024).

A história de superação de um diagnóstico grave, a entrega a dois santos e a decisão de vestir-se de maneira permanente com a batina marrom mostram uma relação de aliança entre a romeira e sua espiritualidade. A roupa deixa de ser apenas traje cerimonial, ela se torna continuidade da promessa, uma extensão do milagre e da fé que a sustentou.

Sua história remete aos estudos de Vale (2017), que identificam a vestimenta religiosa

como um meio de estabelecer um vínculo visual e emocional entre o devoto e a divindade. Também ressoa a ideia de Costa (2023) de que a roupa é linguagem simbólica, que comunica pertencimento, valores e escolhas individuais e coletivas dentro de um universo de significados compartilhados.

Com o avanço da tarde, a chegada de mais devotos é perceptível na cidade. À noite, todos se reúnem mais uma vez na Praça dos Romeiros para sétima novena da festa.

O dia do romeiro inicia-se nas primeiras horas do dia, por volta das 5h da manhã, os fiéis já se reuniam para a tradicional Via Sacra, momento marcante no percurso de fé dos romeiros. O trajeto tem início nas proximidades da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, onde se encontra a primeira estação, representando a condenação de Jesus à morte. Assim, os romeiros, representantes da igreja, organizadores e capuchinhos franciscanos seguem a procissão em direção a Igreja do Cristo Rei, onde é celebrada a primeira missa do dia, às 6h.

Figura 5 – Procissão da Via Sacra até a Igreja do Cristo Rei.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Embora o horário seja bastante cedo e o percurso exija esforço físico, a participação na Via Sacra é compreendida como o ato inaugural da jornada diária do romeiro ao longo dos dez dias de festejos. Muitos o encaram como um momento essencial para “viver a romaria por inteiro”, experienciando cada etapa do sofrimento de Cristo como forma de reforçar sua entrega, devoção e promessas.

A Via Sacra, enquanto reencenação simbólica dos passos de Jesus rumo ao calvário, ganha na romaria uma conotação de penitência e agradecimento. Como já abordado por Pinto (2004), a manifestação da fé popular está diretamente relacionada a situações-limite da vida e a performance desses rituais incorpora práticas que evocam dor, sacrifício e redenção.

Antigamente, a rua onde ocorre esse percurso era de calçamento irregular, com pedras pontiagudas, exigindo dos participantes um esforço ainda mais intenso. Mesmo diante dessas dificuldades, muitos devotos percorriam o trajeto descalços, ajoelhados ou carregando pedras

na cabeça, em cumprimento às promessas feitas. Atualmente, após reformas na avenida, o local passou a contar com piso intertravado, o que aumentou a segurança e facilitou o caminhar da procissão. Ainda assim, os atos de pagamento de promessas continuam a ser realizados ali, preservando a tradição. Ao perguntar para os próximos ali, o motivo de tais gestos, muitos afirmavam que apenas reproduziam o que aprenderam com seus pais ou avós, reiterando a transmissão oral e tradicional dessas práticas devocionais. Ainda que o sentido não seja sempre plenamente racionalizado, ele é vivido dentro da lógica da fé popular.

Outro espaço de reafirmação da fé e do cumprimento das promessas é a Estátua de São Francisco das Chagas, localizada em uma área mais distante do conglomerado do centro da cidade. O trajeto, que parte da basílica até a estátua, percorre quase 2 km por um caminho íngreme. Mesmo com os desafios do trajeto, romeiros de todas as partes se dirigem ao local com o propósito de concluir sua peregrinação espiritual. Ao longo do percurso, há um grande movimento de comerciantes ambulantes oferecendo artigos religiosos, roupas com estampas religiosas e lembranças da cidade.

A chegada à estátua representa, para muitos, o ápice da romaria. É o lugar onde os fiéis encerram sua jornada de oração, entrega e esperança, agradecendo por graças recebidas e renovando suas promessas para o ano seguinte. Com acesso aos pés da estátua do santo, foi nítido observar as lembranças deixadas pelos devotos ali. O espaço ao redor da imagem é repleto de ex-votos deixados pelos devotos: cabelos, fitinhas, réplicas de partes do corpo humano feitas em madeira ou gesso e fotografias. Entre esses elementos, as túnicas marrons franciscanas ocupam lugar de destaque, reiterando o papel da indumentária como marca visual da promessa cumprida e da identidade devocional de quem ali se apresenta.

Figura 6 – Os pés da estátua do santo com ex-votos deixados por romeiros.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Durante a observação, algo chamou a atenção, a quantidade de pastilhas de vidro, que revestem os pés e a barra da túnica da estátua, visivelmente arrancadas. Segundo relatos de romeiros, essas peças são levadas para casa como lembrança sagrada, ou mesmo utilizadas em remédios caseiros preparados para pessoas enfermas. Uma das entrevistadas, de forma informal, compartilhou que estava recolhendo os fragmentos, como ela mesma chamou, as “pedras milagrosas”. Para ela, essas pedras representam uma chuva de bênçãos que cai sobre os romeiros, tornando-se parte material de sua fé.

Figura 7 – As “pedras milagrosas” na mão de uma devota.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Como aponta Pinto (2004, p. 98), “é recorrente que em todas [religiões] haja a valorização de objetos aos quais os fiéis conferem significados”. Nesse sentido, o entorno da estátua de São Francisco torna-se um espaço de concretização da fé, onde o sagrado não é reafirmado pelo corpo em movimento ou pela indumentária usada, mas também pelas marcas materiais deixadas pelas promessas cumpridas.

Além das entrevistas e observações realizadas durante a romaria de 2024 em Canindé, foram ouvidos, por meio de entrevistas online, outros dois relatos que ampliam a compreensão sobre a simbologia da vestimenta franciscana. As entrevistas complementares foram realizadas com mãe e filha, que participaram da romaria em anos anteriores.

A mãe relata que o pedido foi feito quando a filha ainda era um bebê em um momento de enfermidade. Mas caso ela ficasse curada a levaria um dia para cumprir a promessa em Canindé, trajada com a roupa de São Francisco e lá deixaria suas vestes. A promessa foi cumprida no ano de 2002. Ao ser questionada sobre a escolha pela vestimenta, afirma:

Então, as vestes de São Francisco, como é que eu posso dizer? É uma marca de São

Francisco. Então, fazer uma promessa vestida de São Francisco é muito importante, tem muito significado. É como se a gente estivesse honrando o São Francisco de algum modo. E esse modo é as vestimentas dele. (ENTREVISTADA 1, 2025).

Esse relato evidencia o que Costa (2023) complementa essa compreensão ao considerar que a indumentária religiosa é uma linguagem simbólica de valor psicológico e cultural, capaz de expressar pertencimento, devoção e transformação espiritual.

A memória afetiva também atravessa o testemunho da filha, que na época era criança. Ainda que hoje não mantenha vínculos com a prática religiosa, reconhece a experiência e recorda alguns símbolos:

Foi bem divertido, lembro de pouca coisa, eu era criança, mas lembro de correr na escadaria da igreja com uma prima que também foi. Lembro de uma sala onde pessoas deixavam esculturas de madeira em formato de braços, pernas, era uma forma de pedir cura. (ENTREVISTADA 2, 2025).

Do ponto de vista antropológico, Sanchis (2006) destaca que os ritos de romaria mobilizam elementos comunitários e individuais em uma experiência vivida de forma coletiva, mas que pode ter significados muito particulares. No caso da mãe, consegue-se perceber essa conexão quando ela fala em determinado momento o que sentiu ao ver sua filha vestida com a roupa de São Francisco.

Então, as vestimentas de São Francisco, para quem tem fé, é muito importante, inclusive psicologicamente. É muito importante mesmo, porque às vezes as pessoas têm algum problema e não é nem... É psicológico. Então, ela veste, bota aquela vestimenta e vai e consegue. Consegue andar, consegue falar. E eu acho que seja uma ferramenta importante as vestes de São Francisco. (ENTREVISTADA 1, 2025).

A partir desse relato, é possível retomar os estudos de Alves, Silva e Mapurunga (2015), que destacam o corpo do devoto como elemento central nas práticas de fé. Nesse sentido, o cumprimento de uma promessa adquire um caráter sagrado para o devoto, um gesto carregado de sentido. Aquilo que, sob outros sistemas de crença, poderia ser visto como um algo sem significado, para o romeiro torna-se expressão de fé e compromisso com o santo.

Todas as narrativas analisadas destacam que, para os romeiros, a vestimenta franciscana vai além de seu aspecto funcional. Essa relação íntima entre roupa e devoção confirma o papel simbólico e identitário da indumentária religiosa no contexto da romaria de Canindé.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é um dos maiores presentes que recebo nesta jornada acadêmica, um marco de crescimento pessoal e amadurecimento como pesquisadora. Durante a graduação, achei que nunca me identificaria com os caminhos da antropologia, especialmente quando me via diante dos estudos de comunicação massiva, distantes daquilo que tocava o meu íntimo. E, curiosamente, foi exatamente essa distância que me guiou para perto: para perto das histórias, dos símbolos, das pessoas e das memórias que habitam a romaria de Canindé.

Esta pesquisa buscou compreender a simbologia da vestimenta para os devotos da romaria de São Francisco das Chagas, em Canindé – CE. Por meio de um trabalho de campo, com realização de entrevistas e fundamentação teórica, foi possível identificar como o uso da roupa franciscana transcende o aspecto funcional, tornando-se um elemento de fé, compromisso da promessa e identidade coletiva. Ele revela, sobretudo, a força de uma comunidade que se expressa por meio da fé, e que transforma roupas em símbolos de pertencimento e esperança.

Ao mergulhar nesse tema, fui levada a enxergar a roupa com outros olhos. Não apenas como algo que cobre o corpo, mas como linguagem viva, marcada por significados, promessas e memórias. Busquei embasar teoricamente o que o campo já me dizia com tanta clareza: que a vestimenta, na religiosidade popular, é muito mais do que aparência, é símbolo que conecta o humano ao sagrado.

A ida ao campo me permitiu estar presente, ouvir, observar, sentir. Entre cantos, os pés descalços, as mãos postas em oração e o se prostrar de joelhos, percebi o quanto o corpo fala e o quanto a vestimenta traduz esse discurso invisível da fé. A cada entrevista, cada olhar, cada resposta tímida, reafirmei a importância de escutar com atenção, com respeito e com sensibilidade. A partir dessas vivências, concluo que a roupa, quando vestida se torna identidade, expressão e linguagem silenciosa. A indumentária religiosa, nesse contexto, é uma ponte entre mundos: entre o visível e o invisível, entre o íntimo e o coletivo.

Por fim, este estudo contribui para refletir sobre como elementos materiais, como a vestimenta, operam como dispositivos simbólicos na construção da religiosidade popular brasileira. Que este estudo possa abrir caminhos para novas pesquisas, para que mais pessoas enxerguem na vestimenta religiosa, a potência de narrar histórias, de sustentar tradições e de revelar, tudo aquilo que é invisível aos olhos, mas sentido por quem crê.

REFERÊNCIAS

- AFIF, Morgane. **De onde vieram as vestes dos monges?** Aleteia, 07 jul. 2023. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2023/07/07/de-onde-vieram-as-vestes-dos-monges/>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- ALVES, Francisco de Assis Francelino; SILVA, Ivo Luís Oliveira; MAPURUNGA, Glaúdia Mota Portela. **Corpo, fé e glória:** uma descrição fragmentária dos romeiros de São Francisco, de Canindé, Ceará. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 350–361, nov. 2015. ISSN 2178-0463. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/435>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- BRANDÃO, Gersonice Ekedy Sinha Azevedo; SANTOS, Fernando Batista dos. **No candomblé, do alá ao ojá:** tecidos que vestem, protegem e sacralizam. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2021, Salvador. Anais [...]. Salvador: Edufba, 2021. p. 1–14. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/131922.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.
- CFFB – Conferência da Família Franciscana do Brasil. **O hábito franciscano.** 3 out. 2020. Disponível em: <https://cffb.org.br/o-habito-franciscano/>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- COELHO, Miguel Alexandre Batista. **Religiosidade popular:** tradições, práticas e mitos. 2017. 63 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22995/1/0.%20Disserta%c3%a7%c3%a3o%20final.%20Miguel%20Coelho%20%5b2057503%5d.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- CONFERÊNCIA DOS CAPUCHINOS DO BRASIL. **História da Ordem.** Conferência dos Capuchinos do Brasil. Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/institucional/historia>. Acesso em: 03 jul. 2025.
- COSTA, Maria João Rocha da. **Moda, conservadorismo e religião:** vestuário e expressão como fronteira entre o individual e o coletivo. 2023. 46 f. Dissertação (Mestrado em Branding e Design de Moda) – Universidade da Beira Interior, Lisboa, 2023. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/14212/1/10151_23301.pdf. Acesso em: 16 mai. 2024.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Hijab.** Britannica, 14 jun. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/hijab>. Acesso em: 03 jul. 2025.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Kippah.** Britannica, 14 jun. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/kippah>. Acesso em: 03 jul. 2025.
- JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo:** devoções e manifestações de religiosidade popular. 2004. 217 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Veraluciajurkevics.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.
- MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade popular brasileira colonial:** um retrato

sincrético. Revista *Ágora*, [S. l.], n. 7, 2008, p. 1–20. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1918>. Acesso em: 16 mai. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em: 6 ago. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 114 p.

MOTA, Geová Nepomuceno. **O fenômeno religioso da romaria sob a perspectiva da fé cristã: a romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/O-FENOMENO-RELIGIOSO-DA-ROMARIA-SOB-A-PERSPECTIVA-DA-FE-CRISTA-A-ROMARIA-AO-SANTUARIO-DE-BOM-JESUS-DA-LAPA.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2024.

PARÓQUIA SANTUÁRIO DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS. **História**. Paróquia Santuário de São Francisco das Chagas, Canindé. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/caninde/historia/> Acesso em: 19 jun. 2025.

PINTO, Débora Kátia Maia. **A polifonia da festa em Olho D'água da Bica no município de Tabuleiro do Norte – CE**. 2004. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1263>. Acesso em: 16 mai. 2024.

REDAÇÃO MINHA BIBLIOTECA CATÓLICA. **A vida de São Francisco de Assis**. Minha Biblioteca Católica, Dois Irmãos – RS, 04 out. 2024. Disponível em: <https://bibliotecacatolica.com.br/blog/devocao/a-vida-de-sao-francisco-de-assis/>. Acesso em: 09 jun 2025.

CIDREIRA, Renata Pitombo. A dimensão simbólica da Irmandade. In: CIDREIRA, Renata Pitombo. **As vestes da Boa Morte**. Cruz das Almas - BA: Editora UFRB, 2015. p. 13-28. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/editora/component/chronoforms5/?chronoform=ver-livro&id=2> Acesso em: 03 jul. 2025.

RIBEIRO, Thiago. **Santuário de Canindé, no Ceará, sedia a maior romaria franciscana das Américas**. Paróquia Santuário de São Francisco das Chagas Ceará, 26 set. 2024. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/noticias-acontece/santuario-de-caninde-no-ceara-sedia-a-maior-romaria-franciscana-das-americas/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SANCHIS, Pierre. **Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso**. Ciências Sociais e Religião, Campinas, SP, v. 8, n. 8, p. 85–97, 2006. DOI: 10.22456/1982-2650.2294. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669512>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, Lucília Maria Oliveira. **Pedir, prometer e pagar:** escritos, imagens e objetos dos romeiros de Canindé. 2007. 193 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3378>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e. **Devoções populares no Brasil:** o ritual de pagamento de promessa a São Gonçalo de Amarante. *Forum Sociológico*, n. 33, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/sociologico/2588>. Acesso em: 24 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologico.2588>.

VALE, Renilda Santos do. **Memória da fé:** a coleção de paramentos litúrgicos do Museu do Traje e do Têxtil da Fundação Instituto Feminino da Bahia. 2016. 235 p. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/22657>. Acesso em: 24 jun. 2025.

VALE, Renilda Santos do. **Trajes do clero:** diálogos sobre patrimônio, poder e comunicação. 2017. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Museologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5907/3656>. Acesso em: 6 ago. 2024.

VIANA, Fausto. **Entre o humano e o divino:** as vestes da Igreja Católica. *Dobras*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 66–74, 2008. DOI: 10.26563/dobras.v2i3.359. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/359>. Acesso em: 6 ago. 2024.

VIANA, Fausto. **Os trajes da Igreja Católica:** um breve manual de conservação têxtil. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/9788572052689>. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1234>. Acesso em: 24 jun. 2025.

WILLEKE, Venâncio. **São Francisco das Chagas de Canindé.** 2. ed. Canindé: Vozes, 1973. 112 p. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/wp-content/uploads/2012/10/Livro-de-S%C3%A3o-Francisco-das-Chagas-de-Canind%C3%A9-Vers%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ROMEIROS DE CANINDÉ

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Por que você escolheu cumprir sua promessa usando a roupa de São Francisco?
2. O que essa vestimenta simboliza para você?
3. Há algum significado especial nas cores ou nos detalhes da vestimenta que você está utilizando?
4. Como você se sente ao fazer essa promessa?

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO À PESSOA QUE CUMPRIU A
PROMESSA VESTINDO A ROUPA FRANCISCANA**

1. Conte sobre sua experiência ao fazer a promessa vestindo a roupa de São Francisco. Quais são as lembranças mais marcantes desse momento?

2. Você se lembra do motivo pelo qual estava usando a vestimenta? O que você acha que levou a sua mãe a escolher essa forma de expressão para cumprir a promessa?

3. Sua mãe (ou alguém próximo) explicou para você o significado dessa roupa na época? Como você compreendeu esse simbolismo naquele momento?

4. Quais emoções você sentiu ao se ver vestindo a roupa de São Francisco? Houve algum momento especial ou marcante relacionado a essa experiência?

5. Você já voltou a Canindé vestindo essa roupa em outras ocasiões? Se sim, quantas vezes e como foram essas experiências?

6. Olhando para os dias de hoje, qual é a sua percepção sobre as pessoas que cumprem suas promessas usando a vestimenta de São Francisco? Você acredita que essa tradição tem o mesmo significado que antes?

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO À PESSOA QUE FEZ O PEDIDO E
DEU A OUTRA PESSOA REALIZAR A PROMESSA**

1. Você poderia me contar qual era a promessa que foi feita?
2. Você se lembra do motivo pelo qual decidiu que sua filha deveria usar a roupa de São Francisco para cumprir a promessa em Canindé?
3. Por que escolheu sua filha para cumprir essa promessa?
4. Como foi para você ver sua filha pagando a promessa vestida com a roupa de São Francisco? Que emoções esse momento despertou?
5. Na época, você explicou a ela o significado da vestimenta? Se sim, como foi essa conversa e como ela reagiu?
6. Quais foram os sentimentos que marcaram aquele ano ao vivenciar a romaria de São Francisco?
7. A promessa foi cumprida apenas naquele ano ou houve outras ocasiões em que ela foi renovada?
8. Você acredita que a roupa de São Francisco tem um significado especial? Se sim, qual é esse significado para você?
9. Após esse episódio, você já retornou a Canindé durante as festas de São Francisco? Se sim, como foram essas experiências?
10. Olhando para os dias de hoje, qual é o significado que a vestimenta de São Francisco e a romaria têm para você?